D. JOSÉ PESSANHA

A Porcelana em Portugal = A Fábrica da Vista Alegre

CONFERÊNCIA REALIZADA EM 21 DE JUNHO DE 1924 NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, PERANTE O GRUPO DOS AMIGOS DO MUSEU, NO RECINTO DA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO 1.º CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA FÁBRICA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

LIVRARIA CHARDRON
Pôrto

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
Rio de Janeiro

1924

BMBM

A PORCELANA EM PORTUGAL = A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Composto e impresso na Tipografia do Anuário Comercial
Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

D. JOSÉ PESSANHA

A Porcelana em Portugal = A Fábrica da Vista Alegre

CONFERÊNCIA REALIZADA EM 21 DE JUNHO DE 1924 NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, PERANTE O GRUPO DOS AMIGOS DO MUSEU, NO RECINTO DA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO 1.º CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA FÁBRICA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA
LIVRARIA CHARDRON, Pôrto | LIVRARIA FRANCISCO ALVES, Rio de Janeiro
1924

D. JOSÉ PESSANHA

A Porcelana em Portugal - A Fábrica da Vista Alegre

Aos actuais societários da FÁBRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE *tem a honra de oferecer*

O CONFERENTE.

Minhas senhoras:
Prezados consócios:

A palavra *porcelana* não é de derivação oriental. Veio do Oriente o produto, mas não veio, como seria natural, a designação.

O vocábulo *porcelana* é de origem latina. Significava, e significa ainda hoje, não só um género de moluscos, mas também a concreção calcárea, brilhante, branca, irisada pela refracção da luz, que reveste interiormente a concha univalve daqueles moluscos e a que se dá igualmente o nome de nácar. Por extensão, aplicou-se por vezes a designação de *porcelana* aos vasos e outros objectos fabricados dessa matéria; e, por analogia, às louças esmaltadas que nos vinham do Oriente e que, pela brancura e translucidez, lembravam o nácar, e aos vasos e outras peças trabalhadas em pedras semi-preciosas, como, por exemplo, a ágata, o jaspe, a calcedónia, a alabastrite, etc., também semelhantes, pelo seu aspecto, ao nácar. Mais difícil de explicar, mas documentada em antigos

inventários, é a aplicação da palavra *porcelana* a objectos de ouro e prata.

Em textos portugueses do século XVI, aparece-nos esta palavra empregada em todas essas acepções. Assim, ao passo que, na versão do livro de Marco Polo, que existia na Biblioteca Real, pelo menos desde o tempo de D. Duarte, mas que foi, provàvelmente, modificada, actualizada, ao ser impressa, por Valentim Fernandes, em 1502, se lê no capítulo XXXIX do livro II: — «em lugar de moeda despendem porçellanas que acham no mar», num inventário de 1522 mencionam-se *manilhas de porcelana, encastoadas em ouro esmaltado;* noutro, de 1558, incluem-se *porcelanas de ágata e de jaspe, guarnecidas de ouro;* noutros, descrevem-se *porcelanas de ouro, esmaltadas de azul, e porcelanas de prata;* e noutros, ainda, *porcelanas da China, douradas,* que deviam ser produtos cerâmicos. Fernão Mendes Pinto, por muito tempo considerado como um embusteiro, a ponto de se ter dito que, no último dos seus apelidos, a letra *P* deveria ser substituída pela letra *M*, mas que, em verdade, descreveu fielmente as longes terras orientais por onde peregrinou, ao referir-se às casas em que, na cidade de Nanquim, habitavam os governadores de províncias e reinos, conta que essas casas eram providas de tôrres muito altas, de seis e

sete pisos, nos quais os moradores tinham, diz êle, «seus almazẽs darmas, suas recamaras, seus tisouros, & seu mouel de seda & de peças muyto ricas, cõ infinidade de porcellanas muyto finas q̃ entre elle *(sic)* he pedraria; a qual porcellana desta sorte não sae fora do reyno, assi porq̃ entre elles val muyto mais q̃ entre nós, como por ser defeso cõ pena de morte vẽderse a nenhũ estrãgeyro saluo aos Persas do Xatamaas, a que chamão Sofis, os quais cõ licença q̃ tẽ para isso cõprão algũas peças por muyto grande preço» (1). Vê-se claramente que as porcelanas, a que esta passagem se refere, não eram produtos cerâmicos, mas objectos feitos de pedras mais ou menos diáfanas, como o nácar, e tidas em grande aprêço.

Em que época foi introduzida nos países do Ocidente a porcelana oriental? Muito se tem escrito em resposta a esta pregunta. Há quem pretenda que os romanos, que empregavam para os seus trajos os ricos tecidos da Sérica, deviam ter conhecido a porcelana; e que os preciosos vasos múrrhinos, de que nos fala, entre outros, o naturalista Plínio, eram de porcelana. Outros entendem que à larga e rápida expansão do comércio árabe deve, com maior

(1) *Peregrinaçam*, cap. 88, fl. 98, col. 1.ª, na 1.ª edição, 1614.

plausibilidade, atribuir-se a introdução das porcelanas orientais nos países mediterrânicos. O que é indiscutível, em face de documentos autênticos, entre êles um de 1447 e outro de 1456, é que, na primeira metade do século XV, a porcelana da China era conhecida na Europa.

Para a sua divulgação, contribuíu muito, sem dúvida, a intensificação das relações comerciais com o Oriente, determinada pelo descobrimento do caminho marítimo para a Índia (1). Durante largo período, foi por intermédio do nosso comércio que os produtos das indústrias artísticas da Ásia meridional eram levados aos mercados do Ocidente. Lisboa, suplantando Veneza, tornara-se o empório do comércio do Oriente. Só na famosa Rua Nova, havia, em 1580, quatro ou seis lojas que vendiam objectos trazidos da Índia, como «porcelanas finissimas de varios feitios» (2). Em 1620, segundo fr. Nicolau de Oliveira, havia em a nossa capital dezassete mercadores de porcelanas e outras cousas da Índia (3).

---

(1) Deve ser assim interpretado o que afirmei a pág. 44 do meu trabalho *O Calis de ouro do Mosteiro de Alcobaça—A Porcelana em Portugal (primeiras tentativas)*. Coimbra, 1923.

(2) *Viagem a Portugal dos Cavalleiros Tron e Lippomani, in* Herculano, *Opusculos*, tômo VI, pág. 119 a 133).

(3) *Livro das Grandezas de Lisboa*, fl. 96 *v.*

Do alto aprêço em que a porcelana era tida entre nós, pode fazer-se idea sabendo-se que D. Manuel ofereceu, em 1513, à rainha D. Maria, entre vários produtos do Oriente, como almíscar, âmbar e benjoim, algumas porcelanas (1); que peças dessa louça eram cuidadosamente guardadas em tesouros de reis e príncipes e faziam parte de oferendas régias, como aquela que o cardeal-rei, D. Henrique, mandou ao Xarife; e que um escritor quinhentista, Duarte Nunes do Leão, referindo-se às baixelas de porcelanas da China, afirma que «sam os vasos da mais fermosa vista de quantos os homẽs inuentarão, de q̃ as que sam legitimas, sam muito mais apraziueis aa vista, q̃ todos os vasos de prata, ou ouro, ou vidro cristallino» (2).

Acêrca da composição e processo de fabrico da porcelana, corriam as mais abstrusas noções, atribuindo-se-lhe também singulares virtudes mágicas. O célebre jurisconsulto e erudito italiano Panciroli, na sua obra intitulada *Rerum memorabilium libri duo*, impressa em Veneza em 1593, reproduz ingènuamente essas estranhas noções. Afirma-se, em geral, que os europeus só houveram conhecimento exacto do

(1) Arquivo Nacional, *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 13, documento 10).

(2) *Descripção do Reino de Portvgal*, 1610, fl. 69.

processo empregado na China para fabricar porcelana, pelas cartas do missionário Dentrecolles, cuja vida decorreu desde 1664 até 1741. As lendas e mistérios que davam à porcelana carácter, por assim dizer, sobrenatural, e que, como vimos, espíritos cultos aceitavam ainda em fins do século XVI, estavam, porém, ou deviam estar, dissipados, desde que, em 1570, um dominicano português, fr. Gaspar da Cruz, publicara o seu interessantíssimo *Tratado em que cõtam muito por estẽso as cousas da China, cõ suas particularidades, e assi do reyno Dormuz*, em cujo cap. x o autor descreve assim o fabrico da porcelana: — «Ho material da porcelana he hũa pedra branca & mole, & algũa he vermelha, q̃ nam he tam fina, ou pera milhor dizer, he hũ barro rijo ho qual depois de bẽ pisado & moido & deitado em tanques dagoa, os quaes elles tem muito bem feitos de pedra de canteria, & algũs engessados, & sam muito limpos, & depois de bem enuolto nagoa, da nata que fica de cima fazem as porcelanas muito finas: & assi quãto mais abaixo, tãto sam mais grossas, & da borra do barro fazẽ hũas muito grossas & baixas de q̃ se serue ha gẽte pobre da china, fazẽnas primeiro deste barro, da maneira q̃ os oleiros fazẽ outra qualquer louça, depois de feitas as enxugam ao sol, depois de enxutas lhe põe ha pintura que querẽ de tinta

de anil q̃ he tam fina como se vee: depois de enxutas estas pinturas, põe lhe ho vidro, & vidradas cozem nas». Há quem tenha atribuído a Marco Polo a revelação do processo pelo qual os orientais obtinham as suas famosas porcelanas. De facto, numa versão francesa da obra do célebre viajante italiano do século XIII, encontra-se, num dos capítulos do livro II, exposto aquele processo. Essa passagem, porém, foi intercalada pelo tradutor, segundo tudo leva a crer, e falta noutras versões, entre elas a portuguesa, que já citei, e na qual se lê apenas o seguinte: — «Em esta regiom sta a çidade de Tinguy. onde fazem scudellas muj fremosas de barro a que chamam porçellanas».

A porcelana de Ruão; a de Saint-Cloud; a que, segundo Lavaña (o cronista da viagem de Filipe II a Portugal), se fabricava entre nós, à imitação da chinesa; aquela que, como refere Manuel Severim de Faria, um ex-oficial da fábrica de Talavera produzia em Lisboa, — meado o século XVII —, não eram, rigorosamente, porcelanas: eram faianças, que os industriais, para atraírem a atenção e alcançarem privilégios, qualificavam de porcelanas. É certo que, nos séculos XV e XVI, se fabricou porcelana em algumas cidades da Itália, entre elas Veneza, cujas relações com o Extremo Oriente eram, como se sabe, intensíssimas. Mas, de todas

essas tentativas, apenas chegaram até nós trinta e tantas peças da fábrica fundada pelos Médicis em Florença, peças duma porcelana branda artificial, que nem sob o ponto de vista da translucidez, nem sob o ponto de vista da ornamentação, rivalizam com as da China.

Foi só no começo do século XVIII que na Europa se iniciou, com carácter verdadeiramente industrial, o fabrico da porcelana.

Às primeiras tentativas realizadas em Portugal está ligado o nome de Bartolomeu da Costa, sob cuja direcção foi fundida no Arsenal do Exército a estátua eqüestre do rei D. José. Refere êle que, no decurso dos trabalhos a que se entregou para descobrir barro próprio para a construção dos fornos em que o metal devia ser fundido, reconheceu que alguns dos escolhidos se tornavam tanto mais duros, quanto mais o calor actuava neles; e que, afigurando-se-lhe que poderiam ter aplicação mais interessante, tentara utilizá-los para o fabrico da porcelana, obtendo, ao cabo de ano e meio de experiências, algumas peças, que (diz êle) eram duma porcelana tam perfeita, como a melhor da Índia, França e Saxónia.

Importa observar que, na acção de Bartolomeu da Costa, quer como fundidor da estátua eqüestre, quer como iniciador do fabrico da porcelana, parece ter tido influência, difícil,

agora, de aquilatar imparcialmente, João Drouet, contratado, com Pedro Brocard, para dirigir os trabalhos de fundição no Arsenal do Exército, em Lisboa. Afirma Jácome Ratton, nas suas interessantes *Recordaçoens*, que Bartolomeu da Costa se aproveitou largamente dos inventos de Drouet, o qual, em 1761 ou 62, construíra no Arsenal do Exército um forno de revérbero, com tejolos refractários fabricados de argila por êle descoberta junto do Rio Vouga, nas cercanias de Aveiro. Seja como fôr, e embora caiba a Drouet a glória de ter descoberto em Portugal a argila refractária, é incontestável que os primeiros espécimes de porcelana obtidos no nosso país são obra de Bartolomeu da Costa (1).

Pelo mesmo tempo, João Manso Pereira, que, apesar de professor de humanidades, na Baía e no Rio de Janeiro, cultivava com entusiasmo a química e as sciências naturais, reconheceu que certa argila branca, muito vulgar no Brasil, e designada pelos indígenas com o nome de *tabatinga* (terra branca), era o legítimo caolino, elemento essencial para o fabrico da porcelana.

E, ainda por êsse tempo, Domingos Vandelli, doutor em filosofia pela Universidade de Pádua, professor na de Coimbra e fundador de duas

(1) Preciso assim a conclusão que deixei exarada a pág. 61 do meu citado trabalho.

fábricas de faiança, uma naquela cidade e outra em Vila Nova de Gaia, realizou no laboratório químico de Universidade várias experiências, de que resultou a produção de algumas peças de porcelana.

De todas estas tentativas, chegaram até nós várias medalhas, quási todas de Bartolomeu da Costa, sendo conhecidíssimas as de forma oval, com o busto de D. Maria I, de côr branca sôbre fundo azul, destinadas a anéis.

Produto de alguns dêsses ensaios, é, sem dúvida, um serviço de chá, que figurou na exposição de cerâmica, realizada no Pôrto em 1882, por iniciativa da benemérita e hoje extinta Sociedade de Instrução, serviço que não conheço, mas que o Sr. Joaquim de Vasconcelos afirma não ser oriental e em tudo revelar falta de experiência. A ornamentação tem como principal motivo um carro triunfal, tirado por dois pavões, no qual se senta, coroada, a Glória, que segura, com a mão direita, as rédeas e um scetro, e com a esquerda, uma moldura oval, com os retratos de D. Maria I e D. Pedro III.

Decorridos alguns decénios, um negociante de larga iniciativa, homem culto, como aqueles mercadores neerlandeses dos séculos XIV e XV, para quem trabalhavam os pintores de Bruges e Autuérpia, José Ferreira Pinto Basto, empreendeu fabricar porcelanas e cristais. Os

primeiros ensaios foram realizados em Lisboa, no jardim do palacete do Largo das Duas Igrejas, hoje ocupado pela Companhia de Seguros «A Mundial» e pela Associação da Agricultura, e que era propriedade de Ferreira Pinto. Talvez que a idea partisse dum amigo, o general de engenheiros Pedro Celestino Soares, que conhecia a indústria cerâmica, e era, ou fôra, proprietário duma fábrica de faianças em Lisboa, na Travessa do Pé de Ferro. É de crer que fôsse animador o resultado dessas experiências, pois que José Ferreira Pinto Basto deliberou, em 1824, estabelecer uma fábrica destinada a produzir cristais e porcelanas na sua quinta da Vista Alegre, situada nessa original e deliciosa região de Aveiro, «indecisa entre o mar e a terra», no dizer de Oliveira Martins.

É de crer que a preferência dada a essa quinta fôsse determinada pela proximidade dos pinhais que se estendem desde Quintans até Cantanhede e que poderiam alimentar os projectados fornos do vidro, como os pinhais de Leiria alimentavam os da Marinha Grande, fábrica que inspirou, talvez, a iniciativa de José Ferreira Pinto Basto e cujos privilégios êle requereu, sendo-lhe concedidos por alvará de 1 de Julho de 1824. Dois anos depois, obtinha o privilégio exclusivo, por vinte anos, para o fa-

brico da porcelana e produtos químicos e a proïbição de serem exportadas as matérias-primas para a porcelana, que por êle fôssem descobertas. Nos anos de 1828 e 1829, novos privilégios alcançou a fábrica recem-fundada, entre êles o de poder usar o título de Real. O primeiro forno foi construido sob a direcção dum oleiro de Coimbra, Domingos Reimão. Dirigiu as primeiras experiências Bento Fernandes, mestre da fábrica de faianças do Rato. Dois anos depois, contratou o proprietário da fábrica da Vista Alegre três oficiais que trabalhavam em Saxe. Só um, porém, cumpriu o contrato: foi José Scorder, oleiro de tôrno, que ensinou muitos operários portugueses. Aparecem já, nesta primeira fase, algumas peças pintadas, embora imperfeitamente. Os pintores deviam ser João Maria Fabri e Manuel de Morais, antigos discípulos da Casa Pia, instituto do qual José Ferreira Pinto Basto era provedor.

Mas as louças fabricadas nesses primeiros anos eram faianças de pó de pedra, de pasta não vitrificável, levemente, e nem sempre, translúcidas, e cobertas de vidrado plombífero. A marca, gravada a punção, era constituída pelas iniciais V. A. encimadas pela coroa real, dentro duma cercadura constituída por dois ramos de louro, entrelaçados.

Em 1830, foi a Sèvres o director da fábrica, Augusto Ferreira Pinto Basto, quarto filho do fundador, para, nesse famoso centro industrial, estudar o fabrico da porcelana com o ilustre Brongniart, — tam severamente apreciado por Edmond de Goncourt, por haver industrializado a porcelana de Sèvres, banindo a deliciosa *pâte tendre* primitiva, que era, por assim dizer, um vidro incompletamente vitrificado.

De Sèvres, trouxe Augusto Ferreira Pinto Basto as fórmulas da pasta e do vidro e a noção de que a fábrica da Vista Alegre jamais lograria o seu intento emquanto não empregasse o caolino, — argila composta de sílica, alumina e água, e que é o elemento plástico da porcelana, como o feldspato é o elemento fusível, que lhe dá a transparência característica, e a sílica pura (quartzo), o elemento que permite variar convenientemente a composição das pastas. Desde êsse momento, empenhou-se José Ferreira de Pinto Basto, como era natural, em descobrir no nosso país essa argila. Nesse intuito, distribuíu amostras do caolino que seu filho trouxera de França pelos empregados do contrato dos tabacos, de que era arrematante, a fim de ampliar, quanto possível, a área das investigações. Afinal, em 1832, um mero acaso revelou a existência dessa rara e preciosa argila em Val Rico, no concelho da Feira. Um obscuro

aprendiz da fábrica, Luís Pereira Capote, notando que um rapaz, que viera de Val Rico à feira da Vista Alegre, trazia uma pequena porção dum barro que, na sua procedência, era empregado para caiar as casas e que se lhe afigurou ser o desejado caolino, deu conhecimento dêsse facto à direcção da fábrica.

As experiências, a que se procedeu, mostraram que essa argila, existente, por um feliz acaso, em lugar donde podia com facilidade ser transportada para a Vista Alegre, era, efectivamente, o caolino, com tanto afã procurado. Augusto Ferreira Pinto Basto podia, emfim, pôr em prática os ensinamentos do seu sábio mestre. A fábrica da Vista Alegre ia, finalmente, realizar um dos seus objectivos. O nosso país entrava, embora tardiamente, em o número das nações europeias em que a linda arte da porcelana era exercida.

Mas, como, para obter porcelana perfeita, não é bastante que a composição da pasta seja conveniente, a porcelana da Vista Alegre, nesses primeiros tempos, conquanto já translúcida, não era, contudo, ainda perfeita.

Fazia-me ontem notar o meu amigo Dr. José de Figueiredo que os produtos destas duas primeiras épocas têm evidente acentuação inglesa, — o que, segundo êle, se explica, pelo menos em parte, pela influência do mestre inglês que,

de 1826 a 1828, dirigiu a oficina de lapidação dos cristais. É plausível a explicação, dada a estreita afinidade que existe entre as duas indústrias — a cerâmica e a do vidro.

Por 1840, construíram-se mais dois fornos. Dirigia então o fabrico João Maria Rissoto, que, apesar de não ser um especialista, conseguiu, mercê da sua actividade e dedicação, que o fabrico da Vista Alegre progredisse. A conhecida estatueta do fundador, modelada por Anselmo Ferreira e reproduzida em *biscuit*, representa José Ferreira Pinto Basto, tendo na mão a primeira chávena perfeita, que Rissoto lhe entregara.

Foi, porém, no tempo do mestre João A. Ferreira que na Vista Alegre se começou a fabricar porcelana absolutamente perfeita, isto é, bem vitrificada, de grande translucidez e coberta dum vidrado transparente, brilhante, homogéneo e resistente às variações de temperatura.

O período que decorre de 1838 a 1852 é, sem dúvida, o mais brilhante e, portanto, aquele cujos produtos, marcados com as iniciais V. A., a ouro — na maioria peças decorativas — mais apreciados são pelos amadores de porcelanas.

De 1852 a 1869, o fabrico manteve-se perfeito, mas poucos modelos novos apareceram.

Corresponde a estas duas épocas a actividade dos pintores franceses na Vista Alegre:

1 Vítor C. Rousseau, 1835-52.
2 Gustavo Fortier, 1853-56.
3 Filipe ?, 1854-60.
4 Gustavo Fortier, 1861-69.

Vítor Rousseau, forçado a emigrar de França no tempo de Carlos X, em virtude das suas ideas liberais, dirigiu-se a Londres, onde se dedicava à pintura de retratos, quando José Ferreira Pinto Basto, grande liberal também, o contratou. Não se sabe se teria já pintado louça, quando veio para a Vista Alegre. O que é certo, é que, nas peças por êle decoradas, o desenho, a gradação dos planos e a aplicação das côres são bastante perfeitos. A tendência para cobrir muito a louça, ocultando por vezes completamente o branco da porcelana com fundos còrados, denuncia influência de Sèvres, que, desde o comêço do século XIX, decorava por êsse processo.

Sabe-se que desenhou alguns modelos. É conhecida com o seu nome uma bela jarra, que a fábrica tem reproduzido muitas vezes, — por exemplo, em 1887, para ser oferecida pelo bispo de Coimbra ao grande pontífice Leão XIII. Rousseau não assinou, nem pôs qualquer marca especial, nas peças que existem no museu da fábrica e que lhe são atribuídas.

A fábrica possui dêle, afora alguns trabalhos a óleo, de escasso merecimento, um interessante álbum de desenhos e aguarelas, em que figuram retratos, caricaturas, scenas humorísticas da vida daquele centro industrial, etc.

Discípulos de Rousseau, foram: Morais, Vidal, António Maria e o futuro mestre da oficina de pintura, Joaquim José de Oliveira.

A Vítor Rousseau, que morreu em 1852, sucedeu Gustavo Fortier, que decerto era já pintor ceramista quando veio para a Vista Alegre. Fortier iniciou o desenho à pena e generalizou a pintura de païsagem. As suas composições, graciosas, delicadas, são geralmente envolvidas por grinaldas de flores, fitas e ornatos.

Substituíu-o, em 1857, outro pintor francês, cujo apelido se ignora, conhecendo-se apenas o seu nome próprio: Filipe. O novo mestre pintava bem flores, devendo-se-lhe, sem dúvida, a excelente escola dêsse género de ornamentação, que ainda se não extinguiu na Vista Alegre. Filipe foi despedido, por se ter averiguado que substituía o ouro, que lhe era fornecido para a pintura, por uma preparação de cobre.

Em 1861, voltou Fortier para a Vista Alegre, já então mais conhecedor da pintura aplicada à porcelana, como é fácil verificar, confrontando os seus trabalhos do primeiro período com os do segundo. Neste último, Gustavo

Fortier marcava a tinta de mufla, com o número da composição e a data, as peças que pintava. Com êle trabalharam alguns artistas portugueses, como: Joaquim José de Oliveira, que tinha sido, como vimos, discípulo de Rousseau; Manuel Francisco Pereira, que se dedicava especialmente à pintura de flores e que também tinha iniciado a sua educação profissional com Rousseau; Gabriel, que cultivava de preferência a païsagem; Manuel Simões e outros.

De 1870 a 1893, atravessou a fábrica um período de acentuada decadência.

A pasta, nos últimos tempos do mestre Ferreira, começou a não satisfazer, tornando-se muito magra e de difícil manipulação. O vidrado era imperfeito. Os modelos, destituídos de elegância.

A pintura, neste período, esteve sempre exclusivamente confiada a artistas portugueses,— uns, discípulos, ainda, dos mestres estrangeiros, como José Joaquim de Oliveira, que dirigiu a oficina de 1869 a 1881, outros, como Rocha Freire e Duarte Magalhães, discípulos já de Oliveira e que foram mestres de 1881 a 1899 e de 1899 a 1921, respectivamente. No período em que a oficina de pintura foi dirigida por José Joaquim de Oliveira, fazia-se ainda sentir intensamente a influência dos mestres es-

trangeiros. Oliveira desenhava bem, era muito exigente com os oficiais que tinha sob a sua direcção, mas ocupava a maior parte do tempo trabalhando como filador, e não como pintor. Vem depois uma fase de pronunciada decadência artística, em que foram abandonadas as antigas composições, substituindo-se-lhes outras sem originalidade nem estilo. Salvou-se, contudo, (e ainda bem!) a escola, a técnica, havendo Rocha Freire e Duarte Magalhães preparado artistas aptos para reproduzirem quaisquer pinturas, embora difíceis, como o actual mestre, Ângelo Chuva, discípulo de Duarte Magalhães, hoje inspector e professor de pintura na fábrica.

Depois de 1893, com a vinda dum mestre francês contratado em Limoges, Francis Ronlet, que modificou a pasta e aplicou vidro importado de França; com a construção de dois novos fornos e a modificação de outro que tinha sido construído no tempo do forneiro francês, Carrier; com a aquisição da primeira máquina para obter pratos, a produção da Vista Alegre melhorou, sob o ponto de vista industrial, e intensificou-se; mas a ausência de carácter artístico, tanto nos modelos como na decoração, o intuito de baratear a produção para aumentar o consumo, o desconhecimento, por parte do público, da superioridade da porcelana, fa-

cilmente confundida com a louça de pó de pedra ou meia-porcelana, levaram a fábrica da Vista Alegre à decadência de que há três anos a salvou corajosamente a actual administração. Foram construídos novos fornos, os dois últimos já pelo actual director, o meu amigo e distintíssimo engenheiro Antonio de Atouguia Pinto Basto; substituíram-se antigos processos por outros mais perfeitos; puseram-se a funcionar numerosas máquinas para a preparação da pasta, fabrico de pratos, chávenas, pires, etc. O vidro voltou a ser preparado na fábrica, com matérias-primas nacionais. Foi admitido um novo formista, Joaquim Andrade, que tem reproduzido bons modelos, entre os quais alguns do distinto escultor Simões de Almeida (sobrinho). O pessoal é hoje todo português.

A produção aumentou consideràvelmente. Segundo nota que me foi gentilmente facultada pelo zeloso administrador, o Sr. João Teodoro Ferreira Pinto Basto, a produção anual de pratos atinge a elevada cifra de 500:000. Dispostos em série, ocupariam uma extensão de 150 quilómetros. Chávenas com pires fabricam-se igualmente em elevado número: — cêrca de meio milhão por ano. Enfileiradas, a fileira mediria 50 quilómetros. A produção total, vendida directamente nos depósitos de Lisboa e

Pôrto e a numerosos revendedores da capital, das províncias, ilhas adjacentes, colónias, Brasil, Espanha e Inglaterra, é, anualmente, de cêrca de 900:000 quilogramas. Os transportes para a fábrica e da fábrica atingem por ano o pêso de 30:000 toneladas — o que significa que, para o seu movimento, seriam necessários 30 vagões por dia.

A propósito, referirei um facto interessante, decerto não muito conhecido. O transporte da porcelana constituiu, desde o princípio, um problema importante. Até Aveiro, era conduzida em barcos; e dali para as províncias, sôbre animais, por almocreves e vendedores ambulantes. Para Lisboa e Pôrto, seguia em navios. Como, porém, a saída da barra de Aveiro era por vezes difícil, mandaram os proprietários da fábrica vir camelos, que transportavam a louça para Lisboa e para o Pôrto. A que se destinava ao Pôrto seguia até Ovar por via fluvial e era depois conduzida dali até Gaia pelos camelos, através dos areais da costa. Concluída a linha férrea de Lisboa até o Pôrto, passaram os camelos a ser empregados apenas no transporte de lenhas para a fábrica.

Os actuais societários da fábrica da Vista Alegre, todos descendentes do fundador, têm, no programa do ressurgimento que há três anos empreenderam e que tam claramente se

manifesta já, o propósito de não esquecerem que a porcelana é uma indústria de arte, — uma delicada e encantadora indústria de arte. Bem hajam! É necessário que todo o produto de arte industrial possua, em primeiro lugar, *carácter* — isto é, que se distinga por uma perfeita concordância entre a função e a solução, entre o fim e o meio, entre a idea e a expressão. O carácter é condição essencial para a realização da beleza. Uma peça destituída de carácter pode ser *bonita*, mas não pode ser *bela*. Se o artista, respeitando o carácter da peça, lhe juntar aquele *quid* que é privilégio do homem e que tem o maravilhoso poder de transformar a matéria mais humilde, como um pouco de barro, em obra de arte, a peça será, então, verdadeiramente *bela*.

*
* *

Direi agora algumas palavras acêrca do fabrico de cristais, que precedeu, na Vista Alegre, o da porcelana, e que tem em Portugal antigas tradições. Referentes à fábrica do Côvo, conhecem-se documentos do século XV.

Foi sempre larga a importação. A Itália com os seus incomparáveis cristais venezianos, que

D. Manuel tanto apreciava; a Alemanha, com os seus famosos cristais da Boémia, suplantaram a nossa indústria, sem embargo das mais severas pragmáticas e dos mais pesados direitos. A moda dos grandes espelhos nas salas, suscitada pela célebre *galerie des glaces*, de Versalhes, abriu as portas a outros produtos de elevado preço. A Alemanha, a França, a Espanha, cujos vidros catalães, rivais dos venezianos, remontam ao século XIV, apossaram-se do nosso mercado. Ainda assim, no século XVIII e no começo do imediato, eram numerosas em Portugal as fábricas de vidro, como se infere do arquivo da extinta Junta do Comércio.

Na Vista Alegre, dirigiu, no início, a fabricação de cristais um alemão, Francisco Miller, que trabalhava na fábrica do Côvo e foi substituído em 1826 por um mestre português, João da Cruz e Costa, de Lisboa, que superintendeu no fabrico até 1854. A lapidação esteve, desde 1826 até 1828, a cargo dum inglês, Samuel Hungles. Foi também contratado um florista italiano, que não passou da capital, com receio do clima da Vista Alegre, mas que ensinou aqui alguns aprendizes, entre os quais João Ferreira Ribeiro, natural de Vagos, de quem, ao cabo de algum tempo, o italiano dizia que estava mais mestre do que êle, e que, tendo voltado

para a Vista Alegre, ali assumiu a direcção da oficina de floristagem.

O período áureo da fabricação de vidros na Vista Alegre é o que decorre de 1837 a 1846. Entre as peças de cristal então produzidas, há algumas de subido valor, que têm sido tomadas por estrangeiras, — por autênticos exemplares de cristal inglês, da Boémia, ou de Baccarat. Na exposição realizada em Lisboa no ano de 1844, apresentou a fábrica da Vista Alegre, além de porcelanas, uma série de cristais, expostos ao lado de peças idênticas estrangeiras, e que mereceram ao redactor do catálogo a mais elogiosa referência, não se esquecendo êle também de observar que só o espírito de nacionalidade, que distinguia os proprietários da fábrica, poderia explicar os sacrifícios pecuniários feitos em tantos anos de esforços para alcançar tam maravilhosos resultados. Devem ser dêsse período os copos decorados com bustos de poetas, como Dante, Camões, Petrarca, imitação de trabalhos alemães dêsse tempo.

Em 1846, interrompeu-se na Vista Alegre o fabrico do vidro. Recomeçou em 1848, mas, nesse novo período, só se produziu vidro liso e vidraça. A decadência foi-se acentuando, os lapidários e floristas foram abandonando a Vista Alegre, até que, em 1880, se extinguiu ali definitivamente essa indústria, restando dela apenas

alguns exemplares no museu da fábrica e uns potes em que se fundia a pasta. Os próprios moldes de bronze desapareceram.

*
* *

Como era natural que sucedesse em tam longo período, a fábrica da Vista Alegre, antes de atingir o alto grau de esplendor em que hoje a vemos e que é, não só para a família Ferreira Pinto Basto, para todos nós, portugueses, motivo de legítimo desvanecimento, atravessou situações mais ou menos difíceis, sempre dominadas pela inquebrantável energia dos seus proprietários. É por isso que, para mim, a obra da Vista Alegre, — tam concludentemente documentada nesta exposição —, não contém apenas a lição de arte que se infere das várias modalidades do fabrico, reflexo, em geral, da procedência e da educação técnica dos mestres estrangeiros que nele intervieram. Encerra também uma alta lição moral: A obra da Vista Alegre é uma obra de amor, de fé e de sacrifício e por isso triunfou.

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

LISBOA—73, Rua Garrett, 75

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Da Academia das Sciências de Lisboa

A série da **ANTOLOGIA PORTUGUESA**, *que virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos, não será apresentada ao público com numeração editorial. Cada possuidor a ordenará como entenda, ou cronológicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu critério e vontade.*

VOLUMES PUBLICADOS:

Manoel Bernardes, dois volumes.
Alexandre Herculano, 1.º volume.
Frei Luís de Sousa, 1.º volume.
Barros, 1.º volume.
Guerra Junqueiro, um volume.
Trancoso, um volume.
Paladinos da linguagem, três volumes.
Fernão Lopes, três volumes.
Lucena, dois volumes.
Eça de Queiroz, dois volumes.
Augusto Gil, um volume.
Camões lírico, 1.º volume.
Antero de Figueiredo.

EM PREPARAÇÃO:

Afonso Lopes Vieira, «Arte de Furtar», etc.